

Todos os seus atos têm consequências.



Cinquenta Dias

Danielli Gomez



Cinquenta Dias

<https://twitter.com/itsdanielligz>

<https://www.instagram.com/itsdanielligz>

Edição: 2019

Revisão: Victoria Giori

@victoria_giori

Capa: Danielli Gomez

@itsdanielligz

Diagramação: Danielli Gomez

@itsdanielligz

Copyright © 2019 Danielli Gomez

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança como nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido apenas mera coincidência.

Esta obra segue as regras da nova ortografia da língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem permissão escrita da autora.

Os arrogantes são como os balões: basta uma picadela de sátira ou de dor para dar cabo deles.

[Madame de Staël](#) —

Prólogo.

Há momentos em nossas vidas em que nos perguntamos: onde foi que eu errei? Tudo está bem, mas de uma hora para outra, o mundo gira. E nesse giro, seu mundo vira de cabeça para baixo.

O meu aconteceu há um ano, quando eu estava finalmente construindo a minha vida, conquistando a minha liberdade e de repente, me vi perdendo o que havia construído.

Para resumir um pouco o acontecimento que mudou a minha vida, vou começar descrevendo o que fazia. Há três anos, me dedicava em um serviço que era o sonho de consumo de todos da minha idade. Quando entrei na Groolver's Multimarcas, eu comecei de baixo. Fui contratada para ser uma simples operadora de caixa. Fazia recebimentos, fechava as vendas e sorria para todos, como se fosse o melhor emprego do mundo. Não era. Mas era melhor do que nada. Dado a crise no mercado financeiro, várias pequenas empresas estavam fechando as portas e o Brasil estava sofrendo com um grande índice de desemprego. O maior já vivido na história do país.

Mas isso não me afetava por inúmeros motivos.

Primeiro: Eu trabalhava em uma multinacional. A crise brasileira não atingiria onde eu trabalhava.

Segundo: A indústria alimentícia jamais para, nunca mesmo, afinal, todos precisam comer.

Terceiro: Em minha cabeça, eu era nova e cheia de saúde. Se a Groolver's chegasse a fechar as portas, claramente, eu arrumaria outro emprego com os olhos fechados.

Quarto: Eu era bonita. Muito bonita. Não seria difícil arrumar um emprego.

Sim, eu era bem arrogante.

Sexta e última: Qualquer coisa, eu sempre teria os meus pais para recorrer. Era só ligar para o meu pai, que ele me iria me dar tudo o que eu pedisse. Ele sempre me deu tudo que eu queria.

E fiquei pior. Após três meses de trabalho, ganhei uma promoção que multiplicou o meu salário em quatro vezes mais do que eu já ganhava.

Me lembro que mal esperei pegar o meu primeiro salário, a primeira coisa que fiz foi sair da casa dos meus pais e alugar um lugar somente para mim. Eu queria privacidade, curtir a minha vida como todos da minha idade curtia.

Estava radiante. Havia tanta coisa que eu poderia fazer. Tantas pessoas para esfregar o meu salário de seis dígitos em suas faces.

Aí que foi o meu maior erro! Um dos milhares que se seguiu até o momento em que me vi sozinha, quebrada, sem fé e sem esperança.

Os boatos sobre a crise no Brasil começaram a ficar mais fortes. Ao lado de onde eu trabalhava, havia dezenas de portas sendo fechadas todos os dias. E em vez de eu começar a guardar dinheiro, continuei com a minha rotina exuberante. Com meu flat de luxo e com as compras de roupas excessivas. Roupas essas que eu nem chegava a usar, mas tinha que ter para **ostentar** e manter os “*falsos*” amigos que frequentavam a minha casa e diziam ser companheiros para toda hora.

Apesar de viver bêbada e em baladas, eu sempre tive muita responsabilidade em meu emprego. Sempre respeitei bastante os meus clientes e acima de tudo, meus empregadores. Mas, mesmo assim, conforme continuava gastando o meu salário em uma vida badalada, em algum momento o meu rendimento na empresa começou a cair. E eu não percebi isso, até ser chamada na sala do diretor da empresa e ele me perguntar abertamente o que estava acontecendo comigo.

Confesso que na hora me vi envergonhada e prometi a ele que mudaria a minha atitude. Ele muito complacente e conhecedor do meu trabalho, me deu outra chance. Porém, já era tarde demais.

Três meses após conversar com o diretor, onde mudei completamente as minhas atitudes, começando por não sair mais em dia de semana e procurar

PERIGOSAS TRADUÇÕES

opções de faculdade para iniciar. Uma bomba atingiu os duzentos e cinquenta e cinco funcionários da Groolver's Multimarcas.

Foi de repente. Eu fui uma das primeiras a saber. Um e-mail da central de São Paulo enviado errado para os chefes e líderes de departamentos dizendo que no prazo de vinte dias queria a fábrica desmontada e todos os funcionários relocados da companhia, me jogou no chão.

Ao ler aquele anúncio, meu coração doeu. Olhei pela janela de minha sala e vi ao longe a loja em frente à fábrica. Loja essa a qual eu iniciei e comecei como uma simples operadora de caixa. E que agora seria a única que ficaria aberta, após o fechamento da fábrica.

Tudo aconteceu muito rápido. Após o e-mail, o diretor convocou uma reunião com todos os funcionários e nos contou a verdade. Disse que há três meses, ele vinha negociando com o pessoal de São Paulo para tentar manter a fábrica, mas que, infelizmente, não conseguiu obter sucesso devido à baixa produtividade do departamento e pela baixa demanda na cidade.

Dito isso, ele informou que nem todos iriam perder os empregos. Mas também disse que as vagas disponíveis seriam para a filial de São Paulo e que quem quisesse prosseguir e tivesse procedência, poderia conseguir a transferência.

Depois desse anúncio que deixou todo mundo cabisbaixo e pensativo, o diretor chamou os chefes de departamento para uma reunião privada. Como chefe do recebimento e transporte, eu fui obrigada a ir. Estava ansiosa e confiante. No fundo, eu tinha a esperança de que ele me convidaria para ir para São Paulo. Eu sempre quis ir até lá. Sempre quis viver em uma das maiores cidades do Brasil.

Após o fim da reunião com os chefes, o diretor Caio me chamou em sua sala. De início, eu cheguei a imaginar que ele iria me mandar arrumar as malas, mas o que aconteceu a seguir não foi nada disso.

— Eloise, eu te chamei até aqui para dizer que sinto muito. — A voz de Caio falhou. — Infelizmente, de todos os chefes de departamento, a única que não consegui a transferência foi você.

Um choque percorreu a minha espinha e automaticamente os meus olhos umedeceram. As lágrimas que nunca foram derramadas antes, agora lutavam

para cair.

— E-e-e-u achei que... — Não consegui prosseguir. — Foi algo que eu fiz?

— Seria mentira de minha parte se dissesse que não. — Caio sempre teve uma postura profissional muito respeitável. Em seus olhos castanhos, sempre conseguimos ver a transparência em suas emoções, mas agora tudo que o vejo neles é decepção. O diretor, que deveria ter no máximo trinta e nove anos, era referência na cidade por sua dedicação e bondade. — Há três meses, eu te chamei nessa sala para lhe perguntar o que estava acontecendo com você...

— Mas eu mudei, eu mudei o meu comportamento. — O interrompi, tentando a todo custo me defender. — Por favor, Caio, não faz isso. Eu prometo que irei mudar. O que eu preciso fazer? Me diga e eu farei.

— Eu sinto muito, Elô. — Ele respirou fundo procurando as palavras. — Eu gosto de você, gosto muito. Sempre admirei o seu trabalho, mas não foi a mim que você desagradou. Há três meses, o diretor regional da companhia veio visitar a fábrica e ao entrar na sua sala, você estava dormindo completamente bêbada. A ordem que ele me deu foi para te demitir naquele dia, mas eu a ignorei e te coloquei sobre aviso. Mas, infelizmente, a sua imagem perante a diretoria está acabada. E por isso, eu não consegui te mandar para São Paulo. Eu estou de mãos atadas... Sinto muito.

Eu não sei o que estava doendo mais, se era por perder o meu emprego, ou pelo fato de ouvir as minhas falhas tão abertamente. Em nenhum momento eu duvidei de Caio, afinal, eu o conhecia há mais de três anos. E ele sempre foi bem direto. E se ele me disse que tentou segurar o meu emprego, eu acredito nele.

Após assinar a minha demissão sem justa causa, como o Caio fez questão de frisar que estava indo contra a diretoria ao me mandar embora daquela forma, eu fui até a minha sala e juntei todas as minhas coisas. Não consegui me despedir de ninguém, era humilhante demais. Dos quinze chefes e líderes de departamento, eu era a única que iria ser demitida.



Uma semana havia se passado desde a minha demissão. Estava à espera do

meu acerto trabalhista para poder pensar no que faria a seguir. Nessa última semana, passei todos os dias trancada dentro de casa assistindo filmes na Netflix, comendo pizza e tomando cerveja.

No sábado, teria que ir até a casa dos meus pais do outro lado da cidade. Já não os via há uns seis meses e nem atendia as ligações de minha mãe, apesar dela me ligar todos os dias. Eu sabia que era errado, mas estava envergonhada pela forma como perdi o meu emprego. E como o Caio era amigo do meu pai, certamente, eles já estavam sabendo que eu havia sido demitida. Mas no sábado não teria escapatória, iria para o aniversário de casamento deles.

Eles estavam completando vinte e quatro anos juntos, quase a minha idade. Comemorariam ao lado de sua única filha e dos amigos mais próximos. Acho que a irmã mais nova do meu pai, que tem quase a mesma idade que eu, também viria. Já que ela era a única família viva de meu pai. Os meus avós morreram há muitos anos atrás quando eu era pequena. E o meu pai foi quem criou a Julia, por isso, fomos criadas como irmãs.

A minha diferença de idade com a Julia é de cinco anos. E por ser muito baixa e ela parecer mais minha irmã do que minha tia, eu não a respeitava como tal. Para mim, Julia estava mais para uma amiga que eu via somente quando vinha comemorar o aniversário de casamento de meus pais, nada mais e nada menos.

Outro erro meu.



Já se passava das nove e meia da manhã do sábado e eu ainda não havia conseguido dormir. No chão da sala da minha casa, havia várias latas de cerveja espalhadas e algumas embalagens de alimentos velhos. Desde que saí do serviço, minha vida era o sofá e a gigantesca tela que ficava na sala. Eu só levantava do sofá para ir ao banheiro e para pegar outra bebida no armário. O meu estoque no pequeno bar que tinha na sala estava chegando ao fim e logo teria que dar um jeito de sair de casa.

Na tela do meu celular, havia várias mensagens da minha mãe e ligações perdidas da noite passada. Não ouvia a minha secretária eletrônica há duas

semanas, mas acredito que as vinte e nove ligações que apitavam na base do aparelho fixo eram todas dos meus pais.

Forçando os meus olhos a se fecharem, desliguei a TV e virei para o lado. Em menos de doze horas, eu teria que estar apresentável perante os meus pais e seus amigos para poder comemorar o aniversário deles.

Não tenho certeza por quanto tempo eu dormi. Levantei assustada com uma batida frenética na porta da minha casa. Estava tudo escuro. O sol já havia se posto. Conferi no meu celular a data para ter certeza que não havia dormido demais e vi que se passava das oito da noite. Já era para estar na casa dos meus pais, mas ainda havia tempo. Poderia inventar uma desculpa qualquer e tudo ficaria bem.

Outra batida frenética me trouxe a realidade. Assim que consegui assimilar os acontecimentos, pulei do sofá sentindo o chão frio contra os meus pés e me apressei para expulsar quem quer que fosse que estivesse ali.

Entre tropeços e ainda meia tonta do tanto que bebi na noite anterior, abri a porta com o rosto inchado e lutando para acordar. Foi quando vi a Julia do outro lado com uma expressão arrasada no rosto e lágrimas brotando em seus olhos.

— Por que você não atende a merda desse telefone, Eloise? — Julia gritou, e outra rajada de lágrimas despencaram de seus olhos umedecendo todo o seu rosto.

Minha tia/amiga caiu em meus pés em total desespero, e me vi perdida sem imaginar o que poderia ter acontecido.

Depois que ela finalmente se acalmou, conseguiu me contar o que havia acontecido. E em menos de duas semanas, vi o meu mundo desmoronar. ***Eu perdi tudo o que eu tinha.***

Meus pais tinham uma tradição. Tradição essa que eu havia me esquecido. Um dia antes do aniversário de casamento deles, eles iam jantar no melhor restaurante da cidade e depois, eles saíam para dançar. Por dezoito anos, eu e a Julia íamos com eles, mas desde que saí de casa e comecei a viver a minha vida, eu parei de ir, mas a Julia não. Todos os anos ela vinha de Londres, onde morava há sete anos e manteve viva a tradição. E ela estava com eles

PERIGOSAS TRADUÇÕES

quando um motorista bêbado bateu em seu carro e eles morreram na hora. Minha tia que mora há milhares de quilômetros de distância estava com eles quando deram o seu último suspiro. Enquanto a sua filha que mora na mesma cidade e não falava com eles há mais de seis meses estava jogada no sofá lamentando por ter perdido um emprego idiota.

Um ano depois.



Um ano havia se passado desde que meu mundo virou de cabeça para baixo. Ainda me lembro como se fosse ontem da dor que senti em meu peito ao ter que enterrar os meus pais.

Depois da súbita morte dos meus pais, as coisas entre a Julia e eu esquentaram. Como filha única, eu herdei tudo que eles tinham, mas esse não foi o motivo de nós duas nos desentendemos. O motivo foi eu ter dito que venderia a casa dele. Casa onde nós crescemos, dois dias depois de enterrá-los.

Hoje eu vejo o quanto eu fui insensível, mas também vejo que tudo acontece por um motivo. Naquele dia, no dia da minha briga com a Julia, ela me disse coisas horríveis. Ainda me lembro das suas exatas palavras.

— **Você é uma maldita ingrata, Eloise. Seus pais te deram tudo. Tudo. Te deram amor, carinho e atenção. E a única coisa que você fez, foi os abandonar na primeira oportunidade que teve. Você nem sabe que o seu pai teve um infarto três meses antes de morrer porque você não fazia questão nem de atender aos telefonemas da sua mãe. Você não sabe que a sua mãe teve que retirar a vesícula porque você nunca se importou com eles. Nem uma maldita ligação, Eloise. Nem isso. E por que? Hein? Para**

manter o status de mulher de negócios, manter o seu luxuoso flat no centro. Manter os seus amigos esnobes e esconder os seus humildes pais? É isso? Então me deixe perguntar, Elô. Cadê os seus amigos agora? Quando você está de luto e precisa de alguém do seu lado? Cadê o seu emprego chique que prendia tanto a sua atenção e mal tinha tempo para falar com a sua família? E quantos meses ainda acha que poderá manter o seu luxuoso flat no centro, agora que não tem mais nada? Você não tem nada, Elô. E eu tenho pena de você!

Eu não consegui respondê-la.

E só depois de absorver cada palavra que ela me disse, que finalmente percebi o miserável erro que havia cometido. Não havia como voltar atrás, o tempo já havia se esgotado. E teria que conviver com o remorso me consumindo aos poucos eternamente.

Sempre que me imaginei com vinte e quatro anos, achava que estaria formada e com um emprego estável. Talvez arrumaria alguém para compartilhar a minha felicidade, mas de forma alguma imaginaria que chegaria aos meus vinte e quatro anos desempregada. Tendo apenas o ensino médio. Sem meus pais. Sendo obrigada a voltar para a casa onde cresci. E sem nenhum centavo no bolso.

Eu estou tão falida que para pagar o caminhão de mudanças tive que vender alguns móveis da minha casa. Não me importei muito, levando em conta que os móveis dos meus pais continuavam na casa onde eles viveram. A casa não teria espaço para dois refrigeradores, dois fogões e outras coisas que não necessitavam. E eu teria que quitar os dois meses de aluguel do flat para poder me mudar de volta para a casa herdada dos meus pais em um condomínio na saída da cidade.

Olhando agora as caixas sendo colocadas no caminhão, finalmente percebo que não tenho mais ninguém. Sem família. Sem amigos. Completamente sozinha.

A Julia voltou para Londres depois da nossa briga. E depois disso, eu não a vi e nem falei com ela novamente. Pensei várias vezes em ligar no último ano e pedir desculpas pela minha atitude, mas meu orgulho falou mais alto. E ainda sentia vergonha de como agi no passado. Eu nunca fui uma pessoa egoísta e ruim. Só acho que me deixei levar pelas companhias que tinha na época.

Mas de uma coisa a Julia tinha razão. Os meus *“amigos”* sumiram todos quando eu perdi o meu emprego e já não tinha mais dinheiro para todas as festas. Eles sumiram quando precisei de um abraço, de palavras doces e amorosas. Os caras com quem eu dormia arrumaram outras. Quando em meu momento de luto, ganhei alguns quilos a mais. A minha beleza se perdeu quando eu não tive mais forças para me arrumar todos os dias. E a única coisa que eu tive no último ano, foi a companhia de uma depressão que estava acabando comigo diariamente. E sonhos com meus pais me dizendo o quão decepcionante eu era.

Mas isso não importa mais. Agora tudo que importa é o novo caminho que estou seguindo. Vou recomeçar e vou fazer tudo certo dessa vez.

1 Dia.

O caminhão de mudança está marcado para chegar por volta das oito da manhã. Após recolher todas as minhas coisas do flat na noite passada, o dono da frota me garantiu que as entregariam no início da manhã.

Não pude escolher muito porque foi a única coisa que consegui pagar. Levando em consideração o pouco dinheiro que tenho para me sustentar até conseguir arrumar um emprego novo.

Quando meus pais morreram, eles não me deixaram muitas coisas de valor. Me deixaram a casa no condomínio e o carro deles que foi destruído com a batida. Sem economia. Sem muito luxo. Com o meu acerto da Groolver's, eu mantive o flat no centro por um ano. E no início, até tentei arrumar outro emprego, mas o mercado de trabalho estava escasso e não consegui arrumar nada. Foram mais de seis meses distribuindo currículos. Praticamente implorando para alguém me contratar, mas nunca obtive sucesso. Não arrumei nada. Ninguém quer contratar uma pessoa que não tem estudos.

Então, me vi vivendo a maior ironia do universo. Voltando para o lugar que pensei várias vezes em vender, mas nunca tive coragem.

Dormir na casa onde cresci e vi meus pais vivo pela última vez, trouxe de

volta sentimentos que achei que já havia superado. Após deixar a chave do flat com o proprietário, dirigi até o outro lado da cidade, me joguei no sofá a fim de descansar um pouco. Passei a noite inteira revirando no sofá, tentando pregar os olhos, mas não consegui.

Um peso imenso se formou em meu peito e no meio da noite, eu resolvi me levantar e fazer algo útil. Às três da manhã, lá estava eu, retirando o pó dos móveis e lavando tudo com água sanitária. Recolhendo algumas lembranças que me entristeciam e jogando fora as comidas vencidas do armário. Já estava decidida, iria me apossar do meu antigo quarto de infância e manteria os dos meus pais como estavam. O da Julia também continuaria como estava. Logo eu conseguiria fazer dessa casa novamente o meu lar.

O caminhão de mudança buzinou na frente do portão de casa às oito e cinco. Como não tinha dinheiro para contratar ajudantes, me encaminhei para a entrada para ajudar o motorista a descer as minhas coisas. Não havia quase nada pesado, além da TV de cinquenta e cinco polegadas, minha estante e a minha cama. Como no flat, os armários eram todos planejados e eu vendi a maioria dos meus eletrodomésticos, a maioria das minhas coisas se encontravam em caixas pequenas.

Busquei todas as forças que eu tinha, mesmo estando exausta da faxina que fiz na madrugada para descer as caixas e colocá-las na sala. Não demorou muito para as caixas serem empilhadas dentro da casa. Faltando apenas a cama e a TV para descer, me sentei entre elas para me preparar psicologicamente para pegar mais pesos. Meus braços já estavam moles e meu fôlego já havia me abandonado. Os quilos a mais que havia ganhado estavam me deixando cansada com mais facilidade do que antes.

Mas não tinha tempo a perder, e o rapaz que estava me ajudando estava apressado para ir fazer outra mudança. Como era somente nós dois, ele subiu no caminhão e arrastou a cama até a beirada, e assim que eu dei o sinal, ele a empurrou mais um pouco e eu tive que sustentar o seu peso até ele descer e me ajudar. Só que o peso era demais e meus braços não conseguiriam manter

a força por muito tempo. Foi questão de segundos. Quando achei que a cama se chocaria com as minhas pernas, senti um forte perfume misturado com cheiro de loção pós-barba, e o peso que jogavam os meus braços para o chão sumirem.

Em meio à respiração pesada, olhei para o lado para ver quem estava a me ajudar, e então, o vi. O homem mais bonito que já havia visto antes e que logo roubou a minha atenção para si. De pele clara com uma barba rala em seu rosto e músculos evidentes por baixo da camisa social branca, estava o sujeito que segurou a cama e salvou as minhas pernas de serem quebradas pelo seu peso.

Tudo aconteceu muito rápido, ainda estava anestesiada com a beleza do rapaz, mas tive que parar de encará-lo quando o motorista do caminhão me perguntou onde eu queria que colocassem a cama. Eu nem havia pensado nisso antes, ainda tinha que me livrar da minha cama de solteiro, antes de levar essa para o segundo andar. Por isso, pedi para eles colocarem ela em um canto da sala e disse que depois daria um jeito.

Assim eles fizeram, e a pedido do motorista do caminhão, o rapaz maravilhosamente cheiroso que estava nos ajudando em silêncio, ajudou-o a descer a TV e o restante das minhas coisas.

Depois que o caminhão de frete foi embora, me vi ali o observando boquiaberta novamente, enquanto ele enrolava a manga de sua camisa deixando à mostra a tatuagem de um lobo solitário no antebraço direito.

— Muito obrigada pela ajuda. — Finalmente consegui lhe dizer alguma coisa.

— Sem problemas. — Ele me respondeu amargamente.

— Muito prazer, eu me chamo...

— Eloise Collet. — Ele me interrompeu. — Nós já nos conhecemos, Elô.

Franzi o cenho e o encarei. Tinha certeza de que não o conhecia, me lembraria se tivesse visto alguém tão belo como ele antes.

— Diego Bittencourt. — Ele completou após perceber a confusão em meu rosto. — Você não se lembra de mim, não é mesmo?

— Desculpa...

— Tudo bem. — Ele forçou um sorriso. — Mas eu me lembro muito bem de você, Eloise. E também não me estranha muito você não se lembrar de mim, afinal, você sempre foi bem *egocêntrica e presunçosa*, não é mesmo?

Em meio aos desaforos que estava sofrendo, me vi sorrindo amargamente. Queria lhe dizer umas poucas e boas, mas olhando atentamente em seus olhos verdes claros, me lembrei do homem que estava na minha frente.

— Diego... — Profanei com desdém. Sim, eu me lembrei dele. Ele estava bem diferente. Mas eu nunca me esqueceria da única pessoa que insistia em me chamar de *egocêntrica e presunçosa* toda vez que me via. — Como sempre um amor de pessoa. Faz o que? Dez anos desde que nos vimos pela última vez?

— Um ano. — Ele cuspiu entre dentes. — Nos vimos no enterro dos seus pais, mas você não falou comigo, o que não foi nenhuma surpresa. Quando eu lhe estendi a mão para lhe desejar meus pêsames, você virou o rosto e me ignorou como sempre fez.

Eu queria pedir desculpas a ele, dizer-lhe que aquele dia foi um dia bem estranho em minha vida, mas ele não me deu espaço. Só bufou novamente, demonstrando o seu desprezo pela minha presença e caminhou para o minúsculo portão que separavam as casas do condomínio. Só que antes dele deixar o meu campo de visão, Diego parou e se virou para me encarar.

— Ah, e caso você não se lembre, aqui na vizinhança nós respeitamos as madrugadas e, principalmente, o sono dos vizinhos. Dá próxima vez que resolver dar uma festa, ou sei lá o que as pessoas da sua espécie fazem, eu vou chamar a polícia. Nem todos tem a mordomia de trocar a noite pelo dia, algumas pessoas trabalham duro e precisam dormir.

Diego saiu pelo portão, e eu paralisei. Xingando-o mentalmente e lutando para não ir atrás dele para socar o seu perfeito nariz.

Após me acalmar um pouco, me vi relembrando a minha história com o Diego. E em como ele mudou. Nem acredito que aquele garoto rechonchudo e cheio de espinhas, que era melhor amigo da minha tia Julia, se transformou nesse incrível homem que, claramente, ainda me odeia.

Faz tanto tempo que eu não o via, que mal me lembro dele pequeno e o motivo de me odiar tanto. Mas se ele estava achando que iria me dizer todas

essas coisas e ficaria por isso mesmo, ele estava muito enganado. Lutando contra as minhas emoções, invadi o quarto dos meus pais e dentro do closet peguei o álbum de fotos antigas.

Nem fodendo vou deixa-lo me ofender dessa forma sem preparar uma retaliação.

2 Dia.

Finalmente estava acabando de colocar todas as coisas no lugar. Após passar horas planejando uma pequena vingança ao amigo da minha tia, voltei a fazer o que importava.

Como sabia que ele iria odiar, passei novamente a noite inteira mexendo na casa. E de relance, o vi me espionando pela janela do seu quarto que dava para o meu.

A mãe do Diego ainda mora no mesmo lugar desde que compraram a casa há mais de trinta anos. Eles foram os primeiros moradores do condomínio. Logo depois, meus pais compraram a casa ao lado e nós conhecemos a família Bittencourt.

Assim como o meu pai, o pai do Diego é estrangeiro. Meus avôs vieram para o Brasil quando meu pai ainda era criança, e ele cresceu aqui. Me lembro vagamente do meu pai me contar que: meu avô era francês e minha vó brasileira. E por amor a ela, ele largou a França contra a vontade dos pais e veio se aventurar no Brasil. Meu pai me contou também que em meio às viagens e conseguir a permanência no Brasil, ele viveu por anos em Paris. Até que os meus avós decidiram fazer do Brasil, o lugar para viver. E um tempo depois, tiveram a Julia.

Já o pai do Diego era um inglês que, por falta de opção, teve que vir morar com a mãe no Brasil. Se não me falha a memória, ele nunca gostou do país e voltou para a Inglaterra depois que o filho nasceu, o abandonando com a mãe. Eu sei que o Diego é uma boa pessoa, que a sua mãe o educou muito bem, mas nós dois nunca nos demos bem. Ele é mais velho do que eu dois anos e usava isso para me deixar de fora das brincadeiras que fazia com a Julia.

Nós tínhamos tudo para nos darmos bem, mas ele jamais facilitou a minha vida. E como ele me implicava, eu o implicava o dobro. Sempre foi assim. E pelo visto, continuará sendo.



Uma batida frenética na porta da cozinha me assustou. E assim que me recuperei, caminhei até lá, deixando os pratos de porcelana em cima dos armários planejados.

Assim que abri a porta, me deparei com o Diego irado. Segurando a foto de infância que preguei na entrada da sua casa, com a sua cabeça rabiscada e chifres pintados de vermelho.

— Muito engraçado. — Ele bufou. Forçando entrada na cozinha sem sequer eu ter o convidado antes. — Voltou a ter cinco anos de idade, Eloise?

— O que você quer, Diego? — Revirei meus olhos e fechei a frente do hobby que eu usava. Não estava preparada para receber visitas e ainda precisava fazer a minha higienização pessoal antes de conversar com alguém. Desde que minha vida mudou completamente, venho tendo problemas para dormir. Com sorte, consigo dormir duas horas por noite. — Como você entrou aqui?

— Pulei o muro. — Ele deu de ombros e começou a abrir os armários à procura de alguma coisa. — Não é a primeira vez que faço isso, não é mesmo?

Diego pegou uma caneca e levou-a para a cafeteira, ligando-a e lhe preparando um pouco de café. Ele parecia conhecer a casa dos meus pais bem melhor do que eu e sabia exatamente onde ficava tudo. Observando-o, pensei em perguntar novamente o que ele queria, mas estava hipnotizada com a sua postura máscula na minha frente.

Deveria passar das seis e meia da manhã, e ele ainda usava uma calça de moletom e uma camisa branca que marcava os músculos de seu corpo, mas nem era isso que me chamava a atenção. Finalmente consegui ver com clareza a sua tatuagem e observar cada músculo saliente que possuía em seu corpo.

— Então... — Diego deu um gole no café e por cima da caneca me observou. Seus olhos passearam pelo meu rosto e logo depois desceu para o hobby que

tampava o meu corpo. — Deu outra festa?

— Vá se ferrar, Diego. — O abandonei na cozinha, desistindo de tentar conversar com ele. Seja o que for que ele desejasse, eu não iria conseguir arrancar dele sem que me irritasse. E estava cedo demais para ficar irritada.

Passei pela sala e subi as escadas indo em direção ao meu quarto. Assim que passei pela porta, peguei a primeira roupa que vi e joguei em cima da cama. Por mais que estivesse cansada, teria que ir atrás de emprego.

Não me importei com a presença do Diego no primeiro andar, só corri para o banheiro para tomar um rápido banho e fazer a minha higienização pessoal.

Assim que finalizei, me enrolei em uma toalha e fui para o meu quarto. Forçando o meu ouvido, tentei identificar o barulho do Diego no primeiro andar, mas um silêncio predominava a casa.

Eu achei que ele tinha ido embora. Mas para a minha surpresa, assim que entrei no meu quarto e encostei a porta, o vi deitado na minha cama de infância com um sorriso irônico estampado no rosto, abraçado com um dos meus ursinhos de pelúcia.

— Não vá se despir ainda, Collet. — Ele ironizou. — Você não está sozinha no quarto.

Pisando duro e com um ódio subindo por minhas veias, caminhei até a porta e a abri.

— Cai fora daqui, Diego. — Gritei com ele. — O que diabos pensa que está fazendo?

— Qual é o problema, vizinha? — Ele deu de ombros e mordeu os lábios com malícia, encarando a minha toalha. — Eu já te vi assim milhares de vezes antes. Você nunca fez questão de fechar as persianas quando éramos adolescentes.

Senti o meu rosto pegar fogo com a acusação, não que fosse totalmente mentira, me lembro vagamente de tentá-lo, afim de saber a sua opção sexual, mas jamais dei a entender que faria algo com ele.

— Vai embora, por favor. — Fechei os meus olhos e disse pausadamente para ele entender que aquela pequena invasão estava me deixando constrangida.

— Tudo bem... — Diego se levantou, ainda com um sorriso irônico estampado em seu rosto e caminhou em minha direção. — Se é isso que você quer, Collet.

Eu não pude deixar de notar que na frente de sua calça de moletom havia um volume esplêndido. E confesso que não sei se fiquei lisonjeada com a reação do seu corpo ao meu, ou mais furiosa pela falta de respeito.

Eu conheço esse maldito garoto desde que nasci, e ele não tem o direito de invadir a minha casa e o meu quarto assim. Eu sei que fui eu que o provoquei, colando aquela foto na porta da sua casa, mas nunca imaginei que ele faria isso.

— Eu vim ver se queria ajuda para subir a cama, mas como está mal-humorada, é melhor eu voltar depois. — Ele pronunciou bem perto do meu ouvido, quase tocando os nossos corpos. Assim que senti o calor do seu corpo próximo ao meu, senti todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. Já fazia um ano que não tinha contato físico com ninguém, muito menos com um homem tão atraente como ele. — Até mais, Collet.

Diego saiu do meu quarto, e eu bati a porta com força.

Me obrigando a retirá-lo dos meus pensamentos, me apressei para me arrumar. Diego não era importante para mim, mas arrumar um emprego sim. Isso era muito importante.

5 DIA.

Finalmente consegui uma entrevista de emprego em um café próximo ao condomínio. Não é o emprego dos sonhos e o salário é duas vezes menor do que eu ganhava na Groolver's, mas é melhor do que nada. Foi a única coisa que consegui arrumar depois de um ano procurando.

Pelo espelho da sala, retoco o batom e alinho novamente meus cabelos castanhos. O bom de ter a raiz do cabelo lisa e as pontas onduladas, é que consigo fazer vários penteados nele sem muito esforço.

Assim que estacionei em frente ao café, olhei novamente meu estado no retrovisor. Ao longe, vi o maldito do Diego conversando com o dono do

lugar. Naquele momento, eu não assimilei uma coisa com a outra e nem se passava pela minha cabeça que o meu vizinho declararia guerra comigo tão abertamente assim.

Mas ao entrar na cafeteria, o maldito se despediu do dono, que me olhou como se eu tivesse uma doença contagiosa. Diego parou em minha frente zombando da minha face, como se eu fosse a pior criatura do universo.

— Eu sinto muito, Collet. — Diego disse antes de dar um sorriso largo e sarcástico. — Estava conversando com meu amigo, Luiz. E, infelizmente, você não tem o perfil para trabalhar aqui. Aqui é um café de família, não um lugar para uma *egocêntrica presunçosa*, como você. — Ele mordeu os lábios inferiores com malícia, aproximando-o do meu ouvido, e com um sussurro completou. — Nos vemos em casa, Elô.

Diego se afastou e deixou a cafeteria, enquanto eu fiquei boquiaberta com o que ele havia acabado de fazer. Eu não queria acreditar, um ano procurando sem ao menos conseguir uma entrevista e esse maldito destruiu o que eu consegui.

Tentei contornar a situação com o senhor Luiz. Dizer-lhe que o que seja que o Diego tenha dito, não era verdade. Mas o senhor já estava com uma opinião formada ao meu respeito e mal me deu a chance de trocar duas palavras com ele.

Dominada pela ira, voltei para o meu carro e dirigi de volta para o condomínio. Se aquele *filho da puta* estava achando que podia declarar guerra comigo assim e que eu não iria dar o troco. Ah! Ele estava muito enganado! Iria começar cortando a sua cara. E depois, arrancaria as suas bolas e jogaria para os lobos.

Mas para a sorte dele, quando cheguei ao condomínio, ele não estava. E mesmo tendo ficado plantada o dia inteiro na porta de sua casa, ele não apareceu.

7 Dia.

Havia dois dias que não via o Diego, e ele não invadia a minha casa pela manhã para tomar café. Nos cinco primeiros dias, todos os dias, às seis e meia da manhã, ele esmurrava a porta da cozinha até eu abrir. E depois, entrava com a maior cara de pau, ignorando os meus protestos e fazendo o café da manhã.

Não que eu estivesse sentindo falta dele, já que ele consumia a única comida que eu tinha e que estava reservada para passar o resto do mês. Mas eu ainda queria lhe dizer poucas e boas por ter estragado a minha entrevista de emprego.

Na realidade, eu queria chorar. Já vinha querendo chorar há dias. Isso tudo piorou quando a conta do condomínio chegou, e eu não faço ideia do que fazer para pagar. Veio mais alta do que eu imaginava. Como não consigo arrumar emprego e há dois talões de luz atrasado, terei que começar a vender algo para suprir a necessidade.

Sem pensar duas vezes, anunciei a minha TV em um site de compras e vendas da internet. Confesso que o meu coração chegou a doer em me ver nessa triste situação.

Mas não podia reclamar, além de não ter ninguém para quem fazer isso, ainda sabia que existiam pessoas em situações bem piores do que a minha por aí. Pelo menos eu tinha um teto, sem comida, mas tinha um teto.

Após anunciar a TV, caminhei para frente do espelho que ficava no corredor entre a sala e a cozinha, e vi a minha imagem pálida sendo refletida. Com a falta de dinheiro, tinha que escolher qual refeição eu deveria fazer no dia. E como sempre tive mais fome à noite do que durante o dia. Eu sempre ia comer por volta das seis da tarde.

A falta de alimentação, a dificuldade para dormir e a longa caminhada que fazia todos os dias em procura de emprego, estava me fazendo perder peso rapidamente. Em sete dias já havia perdido três quilos.

Eu tenho que dar um jeito na minha vida. Se eu não arrumar um emprego durante esse mês, terei que dar um jeito de ir embora, ou vender a casa. Só não consigo mais ficar nessa vida miserável onde eu vendo o almoço para comprar a janta.

Após prender o meu cabelo em um coque mal feito, pego minha bolsa e calço

meus tênis. Eu tenho duas opções: ou fico me lamentando por todos os problemas que tenho na minha vida, ou saio e arrumo a solução para eles.

Eu sou uma mulher de vinte e quatro anos. Mal tenho o ensino médio completo. Tenho três anos de experiência com trabalho. E não consigo uma vaga, nem mesmo de atendente de café, pois, o que conta hoje é essa maldita formação escolar. — Triste realidade do país em que vivemos. — De vários anúncios que via na internet e no jornal todos os dias. A maioria exige ensino-superior, com um salário miserável que mal abrange um salário mínimo.

Estamos em 2018 e essa é a atual situação do mercado de trabalho no Brasil. Se olharmos nos jornais, ou em pesquisas feitas pela internet, mais de 400 mil de brasileiros perderam o emprego nos últimos três anos.

E, infelizmente, eu sou uma entre os 400 mil.

Mas, *foda-se*, desistir jamais.

10 Dia.

Após rodar mais da metade da cidade a procura de uma vaga de emprego, retorno acabada para a casa. Nos meus pés, bolhas de sangue tomam conta deles. E a fraqueza que sinto do tanto que andei quase me faz desmaiar no meio da rua.

Com a falta de dinheiro, tive que começar a ir procurar emprego de coletivo, mas o dinheiro que usava para pagar o coletivo era o mesmo que tinha para comprar comida.

Mas, finalmente, eu havia recebido uma boa notícia. Uma mulher se interessou pela minha TV e vai vir buscá-la às sete da noite. Tive que fazer um desconto para ela, mas o dinheiro quitaria o condomínio e a luz que estava prestes a ser cortada.

Olhando em meu relógio de pulso, vi que faltava menos de quarenta minutos para a moça chegar, e ainda tinha vinte minutos de caminhada até o condomínio. Apressei meus passos. Praticamente corri a fim de chegar antes

e dar uma organizada na casa.

Quando cheguei em casa, meu fôlego já havia se perdido. E em questão de segundos, o pessoal da portaria do condomínio me avisou que a minha visita havia chegado. Ainda bem que corri, pois, ela chegou antes do horário combinado. Me rastejei até a porta, coloquei o meu melhor sorriso e aguardei os compradores da TV.

A compra foi fechada e eles levaram a minha TV embora. Eu sei que não é legal se apegar a bens materiais, mas eu levei tanto tempo namorando aquela TV, e a comprei com tanta felicidade. Fora que eu e ela tínhamos uma história de companheirismo. Ela foi a minha fiel companheira nos meus dias solitários.

Ela era a minha melhor amiga.

Encarando o crepúsculo, voltei para dentro de casa. Antes de passar pelo portão, vi que o Diego me encarava da varanda de sua casa. Por mais que ainda quisesse lhe dizer umas poucas e boas, eu não tive forças para fazer isso. Estava cansada demais, meus pés doíam, e toda a minha situação financeira estava me deixando mais deprimida do que queria admitir.

Após conferir se a casa estava trancada, me limitei a comer três bolachas cream cracker com água. Subi para o meu quarto a fim de tomar banho e descansar meus pés cheios de bolhas.

Dias.

Os dias estão voando e a minha luta para encontrar um emprego está me deixando frustrada. A única parte boa é que perdi cerca de sete quilos e, finalmente, voltei ao meu peso ideal. Se não fosse pelos queimados do sol em minha pele clara, poderia jurar que estava fazendo uma simples caminhada no dia-a-dia.

De alguma forma, toda entrevista de emprego que eu faço, não dá em nada. Os empregadores adoram o meu currículo e sempre se despedem me dando a esperança que irão me ligar para marcar o meu início imediato, mas isso nunca aconteceu. E quando eu ligo para saber quando posso começar, eles me dizem que a vaga já foi ocupada.

Eu estou entrando em desespero, a situação está ficando crítica. O dinheiro da

PERIGOSAS TRADUÇÕES

venda da TV mal deu para pagar o condomínio e os meses em que a energia estava atrasada.

Resumindo: estou sem dinheiro, sem comida, e muito deprimida. As lágrimas que eu não quis despejar por um longo período em minha vida, saem de rajadas. E estou mais perto do fim do túnel do que imaginava.

Estou tão fraca e tão cansada, que decidi retirar um dia de folga. Preciso dar um descanso para os meus pés cansados. E decidir se venderei meu carro, ou continuarei vendendo eletrodomésticos. Já que vender a casa está fora de cogitação.

Após avaliar a situação, decidi vender o carro. Era a única coisa que me daria dinheiro o suficiente para aguentar até arrumar um emprego futuramente. Mas antes de chegar a essa conclusão, cheguei a pensar em comprar uma arma e estourar os meus miolos, mas esse pensamento foi cessado quando o insuportável do Diego invadiu a minha casa novamente pela manhã.

Após passar dias desaparecido, ele voltou a rotina de entrar de manhã na minha casa e pegar o café. Como eu já estava cansada demais para brigar com ele, só passei a deixar a porta da cozinha encostada e as únicas bolachas que tinha para comer a noite em cima do balcão. Eu achei que ele não comeria que, sei lá, se tocaria que a minha situação estava crítica e parasse de abusar da minha boa vontade, mas isso nunca aconteceu. Ele sempre comia as bolachas e deixava um bilhete com algo sarcástico que me deixava mais triste do que já me encontrava.

Eu sei que deveria lhe dizer alguma coisa, mas não consegui. Na verdade, ultimamente mal consigo olhar no rosto dos meus futuros empregadores, quem dirá do Diego que faz o possível e impossível para me tirar do sério.

Após dormir a manhã inteira, fui me jogar no sofá do primeiro andar. A TV dos meus pais não se iguala a que eu vendi, mas não deixa de ser uma TV. Ontem eu criei coragem e pedi ajuda ao porteiro do condomínio para subir a minha cama para o meu quarto. Logo depois, dei a minha de solteiro para ele, que ficou muito grato e disse que seu filho estava mesmo precisando de uma cama nova.

Na hora, meu coração doeu ao ver a alegria do senhor de cabelos grisalhos e sorriso humilde, que ficou feliz em ganhar uma cama usada e velha. Foi então

que percebi que o que é velho para mim, pode ser novo para quem não tem nada.

Enquanto trocava de canal compulsivamente, ouvi um mesclar de vozes vindo da casa do meu maldito vizinho, junto com um cheiro de churrasco que fez meu estômago doer e praticamente gritar por socorro. Já não comia algo sustentável há dias. Minha alimentação estava sendo balanceada entre macarrão instantâneo e bolachas cream cracker. Quando queria mudar o gosto das bebidas, mudava de água gelada para água natural.

Confesso que fiquei tentada a invadir a festa do Diego e comer até não aguentar mais, mas por orgulho, me contentei somente com o cheiro que estava me enlouquecendo.

Eu realmente deveria ter ido procurar emprego. Pelo menos na rua, não seria incomodada e não ficaria tão triste por não ter amigos como ele. Parece que tudo que o Diego faz ultimamente, é esfregar na minha cara os meus próprios erros. Eu sei que se hoje não tenho amigos, é porque afastei os únicos que queriam o meu bem e me apeguei aos “*populares*”, que só ligavam para dinheiro e status. Eu troquei até mesmo a minha família por eles.

Uma batida na porta da frente me retirou do meu devaneio e do meu estado depressivo. Limpei o meu rosto a fim de disfarçar as lágrimas que, ultimamente, tem sido as minhas fiéis companheiras e caminhei para abrir a porta.

Ao abri-la, vi o meu maldito vizinho que me odeia e inferniza a minha vida diariamente com comentários maldosos e sarcásticos, somente de bermuda com o abdômen à mostra e um sorriso no rosto.

— Boa tarde, vizinha. — Ele me cumprimentou. — Eu preciso de sal.

Ao me informar o que queria, Diego passou pela porta e foi diretamente para a cozinha. Como estava me sentindo fraca e cansada, só encostei a porta e me joguei de volta no sofá.

Eu nunca me senti tão exausta como hoje. Sinto que estou à deriva, apenas esperando a morte vim me buscar.

Diego voltou minutos depois e parou em frente ao sofá, me encarando com desdém.

— Alguém não está muito bem hoje. — Comentou ele com arrogância. — O

que foi, Collet? Seu egoísmo te envenenou?

Não o respondi. Como disse, me sinto bem exausta e estou triste ao ponto de nem sequer abrir a boca, mas havia uma pergunta que eu queria lhe fazer há alguns dias, algo que está remoendo dentro de mim.

— Diego, cadê a sua mãe? — O perguntei em sussurro. — Não a vejo desde que me mudei.

Me forçando para encará-lo, vi o seu semblante arrogante se desfazer e uma tristeza nublar as suas feições. Não que eu tenha perguntado por maldade, mas ao vê-lo tão triste, me senti mal por ter feito essa pergunta.

— Ela morreu alguns meses antes do seus pais. — Diego confessou com tristeza. — Câncer de mama.

— Eu sinto muito.

— Você nem foi no enterro dela. — Diego se sentou no outro sofá a minha frente, e me encarou com uma magoa crescente em seus olhos. — Todos estavam lá, menos você... Por que você não foi, Eloise?

— Eu nem sabia que a sua mãe havia morrido. — Confessei com o máximo de sinceridade que consegui dado a minha situação. — Mas, em minha defesa, não tenho orgulho do que fiz no passado. Se eu soubesse, eu teria ido.

Diego abriu a boca para me responder algo, mas logo a fechou. Ele travou a mandíbula e balançou a cabeça negativamente. Não tenho certeza se ele acreditou em minhas palavras, mas se acreditou, guardou para si. Diego deixou a casa sem me dizer mais nada, e eu me concentrei em fechar os meus olhos e descansar um pouco.



Quando consegui me levantar, já se passava das sete da noite e o sol já havia se posto. A festa na casa do meu vizinho ainda estava a todo vapor. Antes de entrar no banheiro e tomar um longo banho, entrei no quarto da Julia e espiei pela janela os seus convidados. A janela do quarto da Julia dava diretamente para o jardim dos fundos da casa dos Bittencourt. Ao abrir as persianas, vi os amigos que o Diego recebia em casa.

De início, não os reconheci, mas ao firmar as minhas vistas, reconheci todos

que estavam em sua casa. Só podia ser uma maldita sacanagem, todos os meus possíveis empregadores estavam ali. Todos que ficaram de me ligar no dia seguinte, mas nunca ligaram, estavam bebendo e curtindo a piscina da casa do Diego.

Eu não acredito que ele tenha feito isso comigo. Se não tivesse visto com os meus próprios olhos ele acabando com a minha primeira entrevista, acharia que seria somente um mal entendido, mas eu vi. E não acredito em coincidências, não quando a verdade está estampada em minha face.

Aquilo foi a gota d'água. Corri para o banheiro para tomar um banho e tentar me acalmar um pouco. Enquanto a água escorria, me imaginava esganando o Diego com as minhas próprias mãos, mas ao sair, me senti mais calma e fraca.

Fui para a cozinha e novamente jantei três bolachas cream cracker com água. Percebi que a festa do meu vizinho estava chegando ao fim. Essa era a oportunidade perfeita, eu iria confrontá-lo e descobrir o seu motivo de estar sabotando a minha vida. Seja o que for que fiz a ele no passado, ele tem que entender que ficou lá. Já somos adultos, então, ele terá que parar de bancar o adolescente e me deixar em paz.

Encostada no portão, acendi um cigarro que achei no antigo escritório do meu pai e traguei o máximo que consegui. Geralmente, quando saía com meus antigos amigos, nós fumávamos por curtição. Nunca gostei, mas, naquele momento, senti que precisava de um cigarro para me acalmar.

Quando vi a última pessoa deixar a casa do Diego, caminhei até lá e ao ir para o jardim do fundo, o vi recolhendo umas latinhas de cerveja espalhadas pelo gramado.

Me sentei em uma cadeira perto da piscina e o encarei. Eu queria gritar com ele, mandá-lo para o inferno, mas não consegui. Tudo que consegui fazer foi encarar os meus pés e lutar para não me desmanchar em lágrimas.

— Por que você me odeia tanto, Diego?

— O que? — Ele fingiu não saber sobre o que eu falava. Algo que me deixou extremamente irritada. — Do que você está falando, garota? — Diego completou com descaso.

Ele nem sequer parou para me encarar, só continuou pegando as latas no chão

e colocando-as em sacos de lixo.

— Você só pode me odiar, porque não vejo outra alternativa para você me sacanear tanto. Você não tem ideia do que eu estou passando e mesmo assim vive acabando com as minhas chances de conseguir melhorar. — Abafei um soluço e continuei encarando os meus pés. — Eu não me lembro o que te fiz no passado, mas seja o que for, nada justifica você continuar sabotando os meus futuros empregos. E por quê? Por que você está fazendo isso comigo, Diego?

Um silêncio constrangedor se formou no local e por um momento, achei que estava desabafando sozinha, mas ao olhar para onde o vi pela última vez, percebi que ele estava me encarando com um olhar de pena estampado no rosto.

Diego não me respondeu. E eu havia aberto uma caixa de pandora. Apesar de saber que ele não era a pessoa ideal para desabafar, eu precisava fazer isso com alguém.

— Eu não tenho nada e nem ninguém. Meus pais morreram há um ano e minha única tia me odeia. Eu não tenho amigos, não tenho emprego e mal tenho comida. Há mais de vinte dias que venho revezando entre bolachas cream cracker e macarrão instantâneo, esses são meus únicos alimentos. Eu saio de casa às sete da manhã todos os dias e só volto por volta das sete da noite. Passo doze horas seguidas caminhando, batendo de porta em porta, implorando para alguém me contratar, mas as únicas pessoas que me querem, você dá um jeito de estragar. Meus pés estão cheios de bolhas de sangue e o meu tênis já perdeu metade do solado. Praticamente já piso no asfalto quente... Já vendi todos os meus eletrodomésticos e recentemente anunciei meu carro. Eu não tenho nada e se você continuar me sabotando dessa maneira, eu nunca vou ter. Então me diga, por que? O que eu te fiz pra você ter que ser tão cruel comigo?

Desabafar com ele não foi tão ruim como imaginava. Foi como tirar um peso da consciência, algo que estava prestes a explodir dentro de mim. Como Diego não se pronunciou, e de alguma forma eu me sentia bem mais leve, me levantei e caminhei de volta para a minha casa.

Precisava chorar e preferia fazer isso sozinha.

②1 Dias.

Eu acordei por volta das sete da manhã. Depois de finalmente ter desabafado com o Diego, me senti bem melhor e consegui dormir. Esperava do fundo do meu coração que ele me deixasse em paz. Mas, ao ir para a cozinha pegar um pouco de água para ser meu desjejum, vi o balcão da cozinha repleto de alimentos.

Não estava acreditando que ele havia feito isso, mas ao lado da geleia de cereja que eu tanto amo, vi o seu bilhete.

Eu sinto muito pelo transtorno que venho lhe causado, mas prometo que tenho uma explicação plausível para tudo que fiz. Não precisa ir procurar emprego hoje, retire o dia para descansar os seus pés cheios de bolhas. No final da noite você saberá toda a verdade e todos os meus motivos.

Ah... deixei comida o suficiente para você se alimentar, não é muita coisa, mas pagará por você ter dividido o seu único alimento comigo nos últimos dias.

Atenciosamente, Diego Bittencourt.

E mesmo tentada a seguir o seu pedido, me forcei a comer somente uma torrada com um pouco de café e fui em busca de um emprego. Não importa o que ele tenha a me dizer, sei que ele não chegaria com uma solução milagrosa para o meu problema. A verdade é que eu preciso de dinheiro e não de palavras vazias.

②5 Dias.

Sem o Diego sabotando as minhas entrevistas, eu finalmente havia sido chamada para fazer um teste em uma gráfica. Não era muita coisa, mas era

melhor do que nada. De acordo com o meu empregador, eu iria trabalhar muito, mas não me importava, tudo o que eu queria era trabalhar.

O Diego ainda continuava tentando conversar comigo, mas cortei qualquer envolvimento com ele. No fundo, eu queria saber o motivo dele ter me torturado tanto, mas não conseguia o encarar depois de ter desabafado coisas íntimas da minha vida. Eu sempre fui orgulhosa demais para deixar as pessoas saberem o que acontece comigo. Sempre tentei guardar todas as minhas dificuldades, tanto financeiras como psicológicas. Meu pai sempre me dizia que isso é ruim para a minha saúde, mas eu não consigo mudar. Abrir a boca para falar o que está me incomodando é como receber uma facada nas costelas e não conseguir gritar para a dor sair.

Além do serviço na gráfica, consegui também um serviço de freelancer em um buffet que faz eventos infantis. Quando fiz a entrevista, a senhora Giselda me avisou que os eventos eram mais para finais de semana, mas como estávamos em temporada de férias, eles tinham pedidos para a semana inteira.

Foi como ver uma luz no fim do túnel. Finalmente eu terei dinheiro para pagar todas as minhas dívidas e comprar comida. Acho que nunca desejei comer tanto como desejo agora.

Como ainda não recebi nenhuma proposta pelo carro, retirei ele do anuncio e voltei a usá-lo. Não preciso mais andar a pé, agora recebo vale transporte para ir trabalhar. E recebo uma boa grana para trabalhar das sete da noite às duas e meia da manhã no serviço de buffet.

Há três dias, tenho chegado em casa por volta das três da manhã e saio para o serviço na gráfica por volta das seis horas. Durmo um pouco mais de duas horas por noite, estou mais exausta do que quando apenas procurava emprego, mas pelo menos agora posso quitar todas as minhas dívidas e manter a casa dos meus pais no condomínio.

A casa precisa de manutenção, os impostos estão atrasados, mas com sorte e trabalho duro, em poucos meses conseguirei quitar tudo. Não fiz muitos planos, só coloquei todas as minhas dívidas no papel, ao lado dos meus ganhos. Chegou a hora de usar a cabeça e construir o meu futuro.

Dias.

Após trabalhar cinco dias seguidos, dormindo duas horas e meia por noite, finalmente consegui tirar um dia de folga. Eu precisava lavar roupa e arrumar a casa, mas meu corpo implorava por um descanso adequado. Lutando contra todas as probabilidades, permaneci na cama após o horário estipulado por mim mesma. Poderia fazer tudo isso no período da tarde e retirar a manhã para colocar o meu sono em dia.



Ao meio dia, me forcei a levantar e fui diretamente para o banheiro. Antes de mais nada, precisava de um banho para completar o meu descanso. Apesar de, finalmente, ter dormido por oito horas seguidas, ainda sentia como se tivesse sido atropelada por um caminhão.

Assim que coloquei um pijama bem largo e bem surrado em meu corpo, fui direto para a cozinha para me preparar algo para comer. Mas assim que cheguei no primeiro andar, um cheiro incrível invadiu o meu olfato. Se não tivesse tomado um banho gelado, juraria que ainda estava dormindo, sonhando com a incrível comida caseira que minha mãe me preparava quando morava com eles.

Domada pela curiosidade e pela fome. Fui para cozinha só para ter certeza que estava projetando, ou havia enlouquecido de vez. Mas ao chegar na cozinha, vi o meu maldito vizinho dominando as panelas e preparando algo extremamente cheiroso.

Se não tivesse tão fraca, o colocaria para fora a ponta pés, mas com todo o seu tamanho e força, a única coisa que me restava era pedi-lo para me deixar sozinha.

— Olha... — Fui o mais rude que consegui. — Eu não sei como você entrou e nem se tinha toda essa liberdade quando os meus pais moravam aqui, mas agora quem mora sou eu. E, pela última vez, vou te pedir educadamente: *sai da minha casa.*

Diego fingiu que não me ouviu e continuou cantarolando e mexendo nas panelas. Me ignorar era o que ele mais fazia. Mas se ele podia fazer isso, eu também podia me vingar.

Caminhei até o refrigerador, peguei uma jarra com água gelada e ao me aproximar dele, joguei a água em seu corpo.

A expressão furiosa e assustada dele me fez gargalhar. Automaticamente me senti bem com o que tinha acabado de fazer.

— Você não deveria ter feito isso, Collet. — Diego pronunciou com fúria. Mas após alguns segundos, ele simplesmente retirou a camisa, deixando o seu abdômen a mostra e voltou sua atenção para as panelas. — Eu não vou sair daqui até a gente conversar.

— Se você quer conversar comigo, por que não faz isso como uma pessoa normal? Por que vive invadindo a minha casa e age como se fosse dono do lugar?

— Por que eu sou! — Diego gritou. Ele jogou a concha que mexia o strogonoff de carne na pia e se virou para me encarar. — Essa casa é minha, Eloise.

Diante da informação, me vi sorrindo amargamente. Esse cara só pode ser louco, não tem como ele ser dono da minha casa. Essa casa foi herdada pelos meus pais. Eu vi os documentos, eu os assinei.

— Você é louco. — Profanei com desdém. — Saia daqui.

Continuei gritando com ele e a cada grito que dava, eu me aproximava mais dele. Dominada por uma fúria, me vi batendo os dedos em seu tórax malhado e o vi revirar os olhos.

— Você quer ver os documentos, Elô? — Ele sussurrou segurando os meus punhos e aproximando os nossos corpos. — Eu posso te mostrar.

Lutei contra ele para fazê-lo me soltar, mas cada vez que me mexia, Diego aproximava mais os nossos corpos. E logo senti a sua respiração quente invadindo o meu rosto. A nossa diferença de altura não é muita, eu com 1,70 de altura, e Diego com no máximo 1,85. Isso deixava a luta quase justa, se não fosse a questão de ele ter quase o triplo da minha força.

— Me solta. — Tornei a pedi-lo. — Diego, me solta.

— Não... — Ele gritou furioso. — Você vai me ouvir.

Ainda lutando contra ele, o vi se inclinar até o seu rosto ficar da altura do meu. E antes das minhas vistas se firmarem em seus olhos claros, encarei

seus lábios rosados por baixo de sua barba rala.

Eu não sei se fui eu que dei o primeiro passo, ou se foi ele. Em um minuto estávamos brigando, quase trocando socos, e no outro, estávamos nos agarrando como dois animais no cio.

Com um braço, Diego empurrou os enlatados em cima do balcão e me sentou nele. Eu abri as pernas para o seu corpo se encaixar sobre o meu e as cruzei em suas costas. Com as minhas mãos encravadas em seu coro cabeludo, desfrutei dos seus lábios, matando o desejo que me consumia desde quando o vi me ajudando na mudança.

Entre os beijos e as mãos que exploravam o meu corpo, me recordei do motivo dele me odiar tanto e ter me infernizado nos últimos trinta dias.



“Em uma noite, quando minha tia saiu com seu namorado, me vi sozinha com o meu vizinho em sua casa. Foi naquela noite que ele se declarou para mim e disse que já não me via mais como uma garota mimada e egoísta. Não me lembro de todos os detalhes, mas me lembro de o dispensar por causa do seu porte físico e por todas as espinhas que ele tinha em seu rosto. Confesso que se eu soubesse que ele se tornaria esse homem, lindo, charmoso e cheiroso. Não teria o dispensado há dez anos. E ele também não deveria nutrir tanta raiva assim, afinal, eu só tinha quatorze e ele dezesseis

anos.”



Depois daquela noite, eu nunca mais o vi. Ele se mudou de Brasília e foi morar com o pai na Inglaterra. E essa foi a última notícia que tive dele, até me mudar de volta para o condomínio e nos reencontrarmos.

③① Dias.

Já passava de uma hora da manhã, e o Diego estava me fazendo uma massagem nos meus pés com apenas uma toalha enrolada em sua cintura. Nós passamos a tarde e a noite de ontem namorando, matando uma saudade

imaginável que se habitava dentro de nós.

Não tenho certeza se é pelo longo tempo que eu tinha sem me relacionar com alguém, mas com o Diego, foi como se cada pedaço do meu corpo se completasse novamente. Como se nos encaixássemos perfeitamente e tivéssemos sido feitos um para o outro.

Ainda tínhamos muito o que conversar, mas eu precisava descansar para a longa jornada que teria pela frente. Na tela do meu celular havia uma mensagem da senhora Giselda me convocando para um evento de última hora no dia seguinte.

Enquanto o Diego apalpava minha panturrilha e distribuía beijos úmidos pelas minhas pernas, eu peguei o celular e confirmei a minha presença no evento. Mesmo que tenha tido um dia bom, ainda precisava trabalhar muito para pagar as minhas contas.

— Com quem você está falando? — Diego me pergunta, ainda com os lábios colados em minha pele. — Quem está te mandando mensagem a essa hora?

A pergunta dele foi tão regada de desconfiança, que pensei duas vezes antes de respondê-lo. Apesar de termos tido uma relação física há poucas horas, tudo não se passava disso. Não é como se ele tivesse me pedido em namoro. E ainda precisávamos conversar sobre o que ele me disse mais cedo.

— Uma das minhas chefes. Ela queria saber se eu poderia trabalhar amanhã à noite.

— Você não acha que está trabalhando demais? — Diego deitou do meu lado na cama e cruzou os braços atrás da cabeça, encarando o teto do quarto. — Foi difícil te achar nos últimos dias.

— Você estava me procurando? — Deitei a minha cabeça em cima de seu tórax e comecei a brincar com as ondulações em sua barriga. — O que você quis dizer com a casa é sua? Era mentira, não era? Você só queria me irritar, né?

Ele não respondeu a minha pergunta. Um silêncio horrível se firmou no quarto. Forçando para olhá-lo, vi a confusão em seu rosto. Diego permaneceu em silêncio por alguns minutos e sua respiração foi de tranquila para um descompasso em questão de segundos.

Em silêncio, ele se levantou e começou a vestir as suas roupas. Eu não estava

entendendo nada. Será que eu havia dito algo de errado, ou será que o que ele me disse é verdade?

— Diego??

— Venha comigo. — Ele me pediu, estendendo as mãos e forçando para me levantar. — Eu preciso te mostrar uma coisa.

Fiz como ele me pediu, me levantei e me enrolei em um hobby de seda que estava jogado no chão do quarto.

Diego me conduziu até a sua casa. Assim que chegamos à porta, ele a destrancou e acendeu as luzes da sala. A sua casa se parecia muito com a minha, mas possuía uma decoração mais clássica e rústica que a casa dos meus pais.

Ele me pediu para aguardar na sala, e assim eu fiz. Enquanto ele foi para o segundo andar, fiquei observando a sua imensa estante de livros que pegava todas as pontas da sala. Deveria ter cerca de, no mínimo, uns novecentos livros ali. Ia de clássicos infantis aos clássicos de terror do Edgar Allan Poe. A maioria de capa dura com bordas amareladas. Verdadeiros itens de colecionadores. Em um dos cantos da sala, em vez de ter um sofá em frente a um painel com uma TV gigante, havia uma poltrona e alguns pufes, com abajur proporcionando uma claridade melhor. Não era comum ver uma biblioteca em vez de uma sala de estar, a não ser na casa dos Bittencourt.

Me lembro vagamente da Julia me contar que a leitura era algo que a mãe de Diego fazia constantemente com ele. Deve ser por isso que ele transformou a sala da antiga casa de sua mãe em uma minibiblioteca. Para honrar a tradição que eles tinham.

Enquanto lia atentamente os títulos dos livros, Diego apareceu no meu campo de visão e me chamou para a cozinha de sua casa. O acompanhei em silêncio e vi que ele estava com algumas pastas debaixo do braço.

Ele puxou uma das banquetas e me pediu para sentar. Em cima do mármore, ele espalhou as pastas e as abriu com escrituras de todas as casas do condomínio.

— Você sabe que eu me mudei para a Inglaterra quando tinha dezesseis anos.

— Diego começou a me explicar. — Com dezesseis anos, eu comecei a estudar e a trabalhar. No início, eu passei por uma barra até conseguir me

adaptar, mas meu pai se propôs a me ajudar com a condição de trabalhar com ele até me formar. E assim eu fiz, foi então que eu descobri que minha mãe só conseguia manter essa casa e a nossa vida, devido à pensão que ele nos mandava todos os meses. E que a empresa que eu trabalhava era, na verdade, uma extensão das dezenas que ele possuía por todo o Reino Unido. Quando eu me formei, meu pai se aposentou e me passou a presidência de sua companhia. E três anos depois, minha mãe faleceu. E eu tive que voltar para o Brasil para enterrá-la.

Diego fez uma pausa e estudou a minha reação. Tudo bem que a história de vida dele tenha sido difícil, mas ainda não entendia o que uma coisa tinha a ver com a outra.

— Eu passei seis meses aqui no Brasil e nesse meio tempo, me senti meio deprimido. Precisava sofrer o meu luto e assim o fiz. Mas enquanto fazia, eu tive uma ideia e logo a pus em prática. Uma-a-uma, eu comprei todas as casas desse condomínio. Inclusive, a que era dos seus pais. Eu sinto muito, Elô.

— Isso não faz sentindo. Eles teriam me dito se houvessem feito algo assim. Eu pago o condomínio e os impostos. A casa é minha...

— Sim... Porque eu ainda não entrei com o pedido de reintegração de posse. Eu tenho tudo assinado, tenho os recibos da transferência que fiz para o seu pai. Tenho a assinatura da sua tia, pois, a casa foi comprada com a herança dos seus avós, tenho assinatura da sua mãe e de mais três tabeliões e testemunhas... Os documentos são legítimos, a casa é minha.

— Por que você não fez? Faz mais de um ano que eles faleceram. Por que ainda não me retirou da casa?

— Porque eu não sou um monstro, Elô. — Diego se defendeu. — Eu sei que você tem passado por maus bocados e não queria te jogar na sarjeta.

— Não? — Perguntei com cinismo. — Levando em consideração tudo que você me fez desde que cheguei aqui, diria que era exatamente isso que você desejava. — Ainda sem acreditar no que ele havia dito, me levantei. Estava mais magoada por descobrir a sua omissão do que com raiva. — Não se preocupe, Diego. Assim que amanhecer, eu vou procurar saber da procedência desses documentos, se forem verídicos, me mudo no próximo dia.

— Elô, você não está entendendo. — Ele tentou me impedir de ir embora. — Me deixe terminar de te explicar.

— Quem não está entendendo é você, Diego. — Praticamente gritei com ele. Não queria mais ouvir nada que vinha de sua boca, estava furiosa demais. — Eu não sou o seu caso de caridade. Não sou uma pobre coitada que irá limpar a alma do riquinho esnobe. Só me esqueça. Esquece que um dia a gente teve algo.

Assim que cheguei em casa, tranquei todas as portas e corri para o banheiro. Se iria colocar toda aquela dor para fora, faria isso sozinha debaixo da água morna.

③③ Dias.

— Eu sinto muito, Eloise. Mas os documentos que você me enviou são todos verdadeiros e reconhecidos em cartório. — Me informa o advogado que procurei no intervalo do almoço da gráfica. — Infelizmente, a propriedade não pertence mais aos Collet.

— Não há nada que eu possa fazer?

— Infelizmente não. Se o atual proprietário pedir a casa, seguinte a lei você terá que se mudar.

— Que *porra* de lei é essa? — Esbravejo, demonstrando a minha frustração.

— Se o meu pai vendeu a casa, onde foi parar o dinheiro? Porque eu fechei a sua conta assim que ele morreu, estava zerada. Não tinha nada.

— Eu não sei... — Charles me lança um olhar de pena, que me deixa mais frustrada do que já estou. — Olha, eu conheci o seu pai. Sei que eles não pareciam estar passando por alguma dificuldade financeira, mas se tivesse, você saberia, certo?

Diante daquela pergunta, tive que retornar ao passado e me lembrar do quanto estava ausente na vida dos meus pais. Me lembrar que quando eles morreram, havia seis meses que não falava com eles e nem os via. Então, a resposta para a pergunta dele é não. Não haveria como eu saber.

— Muito obrigado, Charles. — Forcei um sorriso para ele. — Quanto eu lhe

devo?

— Que isso, Elô. Eu te vi crescer. Você não me deve nada. E se eu puder fazer mais alguma coisa por você, é só me avisar.

De repente, me vi agradecendo um dos amigos de longa data de meu pai pelo seu gesto de caridade. Sei que meu orgulho não me permitia receber ajuda de pessoas de fora, mas devido a minha atual situação, eu teria que aceitar.

Assim que voltei para a gráfica, comecei a procurar casas baratas na região. Se iria mudar, me mudaria para próximo do meu trabalho para evitar gastos desnecessários e economizar tempo.

A vida é muito sacana mesmo. Quando eu consegui me levantar de um momento de dificuldade e acreditei que tudo havia passado, veio o vento e me devolveu ao fundo do poço, de onde eu nunca deveria saído.

Eu já estava há tanto tempo no fundo do poço, que acabei fazendo dele o meu lar. Já havia até uns enfeites para completar a minha falta de sorte e a minha solidão.



No final do dia, uma das moças da recepção me avisou que havia algumas quitinetes para alugar há três quadras da gráfica. E assim que o expediente acabou, ela me levou para falar com o proprietário do lugar. Com o dinheiro que havia ganhado trabalhando no buffet, paguei o primeiro mês de aluguel e peguei a chave do lugar.

Agora só faltava arrumar as coisas e abandonar a casa em que cresci. Havia tanta coisa que eu precisava fazer, tanta coisa a qual eu precisaria me desfazer. Principalmente as coisas dos meus pais, que não caberiam na quitinete que aluguei.

③④ Dias.

Tendo que desocupar a casa do condomínio, avisei a dona Giselda que não poderia ir trabalhar no restante da semana. E assim que saí da gráfica, fui direto para a casa. Depois de me livrar dos sapatos e trocar a calça jeans por uma bermuda curta, comecei a empacotar as coisas do meu quarto.

Sei que levaria a noite inteira para fazer isso, mas precisava deixar a casa antes mesmo do Diego chegar a pedi-la. Depois daquela madrugada, nunca mais falei com ele. E sempre que o via de relance, mudava a minha rota para evitá-lo. Não estava com raiva dele ser o proprietário da casa, estava com raiva dele ter demorado tanto tempo para me dizer.

Foi mais de um ano que ele guardou esse segredo e mesmo ele tendo me dito que não era um monstro, ele acabou agindo como um.

Da janela do meu quarto, vi o seu quarto escuro. Toda a sua casa estava escura, o que me tranquilizou em saber que ele não estava ali. Não queria correr o risco de tê-lo invadindo a minha casa e tentando me forçar a conversar com ele.

Por volta das dez horas da noite, ouvi uma batida na porta. E como estava descendo as caixas do meu quarto e empilhando-as na sala, me apressei para abrir a porta.

Assim que abri, tive uma grande surpresa em ver a Julia parada ali. A minha única parente viva. Eu já não a via há mais de um ano. Ela estava em minha frente, me olhando de cima a baixo.

— Sobrinha. — Julia mordeu os lábios tentando esconder o constrangimento em me rever. — Você está um caco.

Ela nem esperou eu convidá-la para entrar, só passou pela porta e deixou a sua pequena mala na entrada da sala. Julia encarou a casa e suspirou fundo. Ao ver as caixas empilhadas no canto da sala, ela se virou para me encarar.

— Vai a algum lugar, Elô?

— É bom te ver também, Julia. — Ironizei e ignorei a sua presença. — Fique à vontade e aproveite que está aqui para dar um jeito nas coisas do seu quarto. Caso contrário, vou jogá-las no lixo.

Sei que essa não era a forma ideal de recebê-la, mas se bem me lembro das

palavras do Diego, a Julia sabia da venda da casa. Afinal, ela foi comprada com a herança dos meus avós.

A Julia deveria ter me dito que eu não tinha nem a casa dos meus pais para me apoiar, não me deixar no escuro, sofrendo e sendo iludida.

— Você não vai nem me perguntar o motivo de estar aqui? — Julia me perguntou ao se jogar no sofá e cruzar as suas pernas, completamente relaxada.

— Você deixou bem claro que não queria saber de mim na última vez que nos vimos. Então, por que eu deveria me importar com você?

— Sempre dramática e mimada, não é mesmo, Elô?

— Vá se ferrar, Julia. — Explodi. Dá última vez, eu a deixei me encher de desaforos e fiquei calada. Dessa vez, não vou fazer o mesmo. Não depois de tudo que passei sozinha. — Você não tem o direito de vir até aqui e me dizer que sou egoísta, ou que eu sou dramática e um monstro. Não quando você me deixou sozinha...

— Chega, Eloise. — Julia gritou mais alto do que eu, me fazendo calar. — Sente-se. Eu preciso te contar uma coisa e, enquanto eu falar, você irá ficar quieta. Não faça eu me arrepender de ter vindo de Londres para te ver.

Cogitei voltar a arrumar as minhas coisas e deixá-la falando sozinha, mas sabia que se não a ouvisse, ela ficaria tagarelando no meu ouvido até conseguir o que queria. Minha tia sempre foi conhecida por sua persistência.

— Fala logo, Julia. Eu tenho muitas coisas para fazer.

Julia fechou os olhos e apertou as pálpebras com os indicadores, uma mania que ela tinha desde pequena, mania essa que era conhecida por quando ela aprontava alguma coisa. Depois de dar um longo suspiro, ela abriu os olhos e mordeu os lábios inferiores me lançando um olhar atento.

— Há mais de um ano, quando a mãe do Diego morreu, o seu pai me ligou e me informou que estava pensando em vender a casa. Ele queria o meu aval e a minha opinião. No início, eu achei um absurdo, mas ele me disse o que realmente planejava fazer. Seu pai queria juntar o dinheiro da venda da casa com as economias de vida dele e da sua mãe para comprar uma das empresas dos Bittencourt em Londres. Ele queria mudar a vida deles e a sua. E assim ele fez. Ele e o Diego fecharam a negociação. E dias antes dele morrer, ele

me pediu para assumir a empresa até vocês irem para lá. Estava tudo combinado, nós seríamos sócios, você e o seu pai cuidaria da Collet'Entertainment, enquanto eu cuidava da minha empresa. Seu pai ia te contar na noite da tradição, ele iria pedir para você se mudar para lá com eles, mas a grande tragédia aconteceu e tudo mudou. — Julia fez uma pausa e respirou fundo. — Eu sempre fiz de tudo pelo meu irmão, eu o amava como o meu pai. Foi ele quem me criou, e se hoje eu tenho alguma coisa, foi tudo graças a ele... Eu ainda não entendo como você pode os abandonar assim. Como você morando na mesma cidade que eles, conseguiu passar seis meses sem vê-los. Para mim, você foi egoísta, Elô. E isso não iria mudar enquanto não recebesse uma punição. Por isso, eu te deixei sozinha e voltei para cuidar da empresa que eu e meu irmão compramos. Eu sei que a empresa não é só minha. Eu nunca a quis. Eu tenho o meu próprio negócio. Só precisava ter plena certeza que você mereceria receber o presente que os seus pais haviam lhe deixado.

As palavras da Julia me fizeram querer socá-la, mas eu não fiz isso. Absorvi tudo e vi que no fundo ela tinha razão. Eu realmente era uma pessoa horrível, esnobe, gananciosa, tendenciosa, pretenciosa e egoísta. Eu não mereço nada do que o meu pai havia feito por mim. Se teve uma coisa que eu aprendi diante de todas as dificuldades que passei no último ano, foi a dar valor as pequenas demonstrações de afeto que a vida me proporcionava.

Não foi nem tanta a falta de dinheiro que me quebrou, foi a falta de ter com quem conversar, com quem me apoiar, com quem dividir as minhas lágrimas. Se tem um ditado que cai como uma luva para mim, é esse: Você colhe o que planta. Eu só colhi o que eu mesma plantei. Não havia como eu colher afeto, se eu sempre deixei solidão por onde passava. Escolhi as companhias erradas e não valorizei as pessoas que sempre estiveram do meu lado me apoiando.

Mas dessa vez eu vou fazer diferente, eu tenho que mudar. Se não por mim, pela memória dos meus pais que sempre foram humildes e ansiavam o melhor para mim.

— Obrigada por me dizer isso. E eu peço desculpas pela forma como te tratei no passado, Julia. — Me levanto do sofá e volto a encaixotar as minhas coisas. Deixando a Julia pensativa e sem entender o que estava acontecendo. Não quero empresa alguma, só quero continuar seguindo com a minha vida

como já estou fazendo. — Já que está aqui, poderia me dizer o que devo fazer com as coisas do seu quarto?

Julia soltou uma gargalhada amarga que me fez encará-la por alguns minutos. E sem entender nada, fui forçada a perguntá-la o motivo de ser tão sarcástica.

— Não precisa desocupar a casa, Elô. — Julia me explicou sem paciência. — O Diego não vai te colocar para fora, na realidade, ele nem pode fazer isso. Tudo que ele fez, foi a meu pedido. Como eu tinha que cuidar da empresa do seu pai, pedi ele para cuidar de você enquanto estava longe.

— Cuidar de mim? — Dessa vez quem gargalhou fui eu. — O Diego me infernizou por dias. Aquele miserável destruía todas as entrevistas de emprego que eu ia. Eu passei um mês andando no sol quente, praticamente descalça, à procura de emprego. E sempre que eu arrumava algo, ele dava um jeito de destruir. Se essa é a forma que vocês acharam para cuidar de mim, não quero nem ver quando decidirem me destruir.

— E olha onde isso te trouxe. — Julia gesticulou com as mãos, me mostrando a minha atual situação. — O seu pior defeito era a falta de humildade. Às vezes, as pessoas têm que perder tudo para dar valor ao que tem.

— Quem é você para me dizer isso? O que você perdeu que te deu o direito de fazer isso comigo?

Por um momento, pude ver a minha tia perder a postura superior e raciocinar diante das minhas acusações. Talvez ela esteja certa, talvez eu realmente precisasse perder tudo para dar valor ao que tinha, mas o que ela e o Diego fizeram comigo não foi uma lição e sim uma crueldade.

Após absorver as minhas palavras, minha tia arqueou uma sobrancelha e se preparou para se defender. Pelo menos era isso o que eu imaginava que ela iria fazer.

— Eu não posso dizer pelo Diego, Elô. — Julia franziu a testa e me lançou um olhar piedoso. — Mas eu não me arrependo de ter te visto sofrendo. E não vou fazer como o seu pai e passar a mão na sua cabeça só porque está magoada. Você tem vinte e quatro anos, não fez uma faculdade e nunca pensou no seu futuro. Então, tudo que você teve, você mereceu. E não me venha com: *“aaah, eu fui vítima da sociedade, vítima da crise no Brasil.”* —

Julia afinou a voz antes de me dar a pancada final. — Você foi vítima da sua própria comodidade. Se você tivesse estudado, talvez não tivesse sofrido tanto. Mesmo querendo se passar por uma pessoa que conquistou a sua liberdade, você era presa aos cuidados dos seus pais... Não me leve a mal, Elô. Não estou dizendo que a morte dos seus pais teve algum benefício, só estou dizendo que com ela, você finalmente aprendeu a se virar sozinha.

Se não conhecesse bem a minha tia, podia achar que ela estava se divertindo com o meu sofrimento. Mas mesmo com raiva dela, sabia que tudo que havia me dito era a mais pura verdade. Ela tinha toda a razão, mesmo orgulhosa, eu sabia que se meus pais tivessem vivos, eles se desdobrariam e cederiam tudo para fazer o que eu queria. Era sempre assim. E no fundo, a Julia e o Diego tinham toda a razão, eu era mesmo uma pessoa egoísta, tendenciosa e fútil. E mesmo querendo passar a imagem de dona do meu nariz, eu era totalmente dependente de meus pais.

Eu poderia lançar mil e uma palavras em Julia para tentar me defender. Mas em vez disso, caí de joelhos entre as caixas e deixei as lágrimas falarem por mim.

Minha tia que sempre manteve uma postura forte e determinada, veio ao meu encontro e me amparou. Julia sempre cuidou de mim como uma irmã, fomos criadas para sermos assim, mas devido a minha atitude egoísta, eu acabei a afastando por tempo demais.

Após toda a comoção e sentimentos que jogamos na cara uma da outra, Julia me chamou para irmos comer algo fora. Ela disse que havia tanta coisa para me contar, e que ainda precisava me fazer uma proposta irrecusável. E mesmo sabendo o que ela queria me propor, aceitei o convite e resolvi ouvir tudo de sua boca. Não me custava nada ouvir o que ela queria me dizer.

④ Dias.

Julia finalmente estava retornando para Londres. Após passar seis dias no Brasil comigo e me dizer exatamente o que esperava de mim, ela teve que voltar para cuidar da Collet'Entertainment. A empresa que meu pai comprou dias antes de morrer e que minha tia fez crescer no último ano.

Com toda a formação e competência de Julia, ela acabou unificando a sua empresa com a do meu pai e agora precisava de minha assinatura para finalizar a união das empresas. Ao contrário do que imaginei, ela não queria comprar a minha parte e me expulsar de sua vida. Julia me propôs ir para Londres e esquecer o passado. Começar uma nova vida ao seu lado. Seremos uma família novamente. Apoiarmos nos momentos difíceis.

Mas entre essa informação, ela também me contou o grande plano que formulou com Diego antes dele começar a infernizar a minha vida e me quebrar lentamente no processo.

Julia pediu ao Diego para ficar de olho em mim e se pudesse, usasse a influência dos Bittencourt em Brasília para estragar qualquer chance de emprego que eu conseguisse. Eles queriam ver como eu reagiria mediante as dificuldades, queriam ter certeza que eu não desistiria quando as coisas ficassem difíceis. E como o Diego me odiava, ele se ofereceu para ser o meu carrasco e me humilhar internamente.

Depois que soube disse, tive que fazer uma escolha. Ou esqueceria o que eles me fizeram passar e seguia em frente, ou os cortaria de minha vida e continuaria sozinha no mundo. Como estava cansada de ficar sozinha, decidi esquecer o passado e seguir em frente. No fundo, não os culpava, eu bem que mereci tudo que eles fizeram comigo. Assim como mereci tudo que me aconteceu.

Estamos no aeroporto Juscelino Kubitschek esperando dar o horário para o voo de Julia sair. Sentadas na sala de espera, Julia respondia uns e-mails e me lançava olhares dóceis. Nós finalmente havíamos feito a s pazes.

— Então, está tudo marcado. — Julia pronunciou com os olhos ainda pregados na tela de seu notebook. — Daqui cinco dias você embarca para Londres e começa a trabalhar comigo na Collet'Entertainment.

— Se você diz. — Forcei um sorriso para ela. — Vai ser melhor assim.

— Não se esqueça da condição que impus. — Julia frisou mais uma vez o

principal termo do nosso acordo. — Assim que chegar em Londres, você procurará uma faculdade e se dedicará cem por cento à sua carreira.

— Eu vou poder escolher a minha especialização?

— Claro. — Julia fechou a tela do notebook e o guardou na bolsa. — Não sou um carrasco, Elô. Só quero o seu melhor. E assim como o seu pai, quero ter certeza que irá fazer de tudo para ter.

Meu pai. Me lembro que um dos motivos de ter parado de ir visitá-los, era porque ele sempre me cobrava e me enchia com ideias de que deveria entrar na faculdade. Se eu tivesse o ouvido, talvez tudo poderia ter sido diferente. Não que a morte deles pudesse ter sido evitada, mas pelo menos ele não morreria sentindo que sua filha havia se tornado uma fracassada.

O voo de Julia foi anunciado. E assim que nos despedimos, fui direto para a gráfica pedir demissão e agradecer ao dono pela incrível oportunidade que havia recebido.

Mediante a minha dificuldade, Julia quitou todas as minhas dívidas e me deu dinheiro o suficiente para cuidar de minha partida. Como já havia resolvido mais da metade das pendências obrigatórias para me mudar para Londres, só restava arrumar as minhas malas e dar adeus à vida medíocre que estava vivendo no Brasil.

④⑥ Dias.

Assim que desembarquei no Heathrow — aeroporto internacional de Londres — vi Julia à minha espera no saguão. Enquanto caminhava ao seu encontro, me sentia maravilhada com toda a estrutura do lugar. Bem maior que o JK, o Heathrow suporta milhares de pessoas ao mesmo tempo. E foi difícil reconhecer a Julia em meio a tantos turistas que estavam tão maravilhados com o local quanto eu.

Assim que pegamos as minhas malas, Julia me conduziu para o seu apartamento no centro de Londres. O apartamento de minha tia, que ficava apenas vinte minutos do aeroporto, era bem amplo e magnífico. Nem eu

mesmo acreditava que minha tia tinha um lugar imenso daquele somente para ela. Mas ela me explicou que quando locou o lugar, tinha o intuito de todos os Collet morarem nele. Isso explicava o motivo de sua casa ter quatro quartos, duas salas e ser uma cobertura inteira.

Ao ver o lugar, me senti insignificante. Enquanto vivia na miséria no Brasil, comendo bolachas cream cracker com água, minha tia vivia em uma cobertura no centro de Londres. Cobertura essa que já era para eu estar morando, se eu não tivesse sido uma pessoa ruim.

— Elô, eu sei que você precisa descansar, mas precisamos ir para a Collet'Entertainment assinar alguns documentos. O advogado da Bittencourt'International está à nossa espera. — Julia me informa, me trazendo de volta de meus pensamentos pecaminosos. — E amanhã, eu te apresentarei a empresa e começarei a te ensinar tudo que precisa para você se adaptar à sua nova vida.

Julia estava sendo bem paciente comigo, mesmo com tudo acontecendo muito rápido, me vi sendo amparada por seus cuidados. Finalmente, após tanto tempo vivendo sozinha, eu senti que se dessa vez caísse, teria alguém para me estender a mão.



Após assinarmos todos os documentos, a Collet'Entertainment finalmente era somente da família Collet. Julia e eu cuidaríamos da empresa, como um dia meu pai sonhou. Agora só me restava aprender com a melhor pessoa que já conheci, além de meu pai, para me ensinar tudo que precisava para ser uma verdadeira mulher de negócios.

Mas apesar desse capítulo de minha vida ter se resolvido, ainda havia uma pendência que eu precisava urgentemente resolver. Eu precisava me encontrar com o Diego. E como sabia que ele havia retornado para Londres após a nossa briga, agora me restava ir atrás dele e me desculpar por tudo que lhe fiz no passado.

Eu sei que eu não era a única que precisaria me desculpar, afinal, o que ele

me fez foi baixo e chegou a ser cruel, mas se eu queria que as coisas na minha vida fossem diferentes. E se quisesse mostrar superioridade, começaria dando o primeiro passo para me libertar das amarras do passado.

50 Dias.

Após quatro dias procurando uma forma de me reencontrar com Diego, finalmente havia conseguido marcar um encontro com ele. Contando com a ajuda de Julia, Diego havia sido convidado para um almoço em sua cobertura. E ainda sem saber que estava na cidade, ele aceitou achando que se encontraria com a sua melhor amiga.

O almoço estava quase pronto. A fim de fazer as pazes em grande estilo, fui ao mercado que fica próximo ao apartamento e comprei tudo que precisava para fazer o estrogonofe de carne que ele me preparou no dia em que dormimos juntos.

Após raciocinar um pouco sobre as suas atitudes e deixar a raiva de lado, vi o seu lado da história e resolvi lhe desculpar. Isso também ocorreu porque Julia havia me dito que ele só fez o que ela pediu. Julia me disse que se eu tivesse que ter raiva de alguém, esse alguém seria ela, não o seu melhor amigo.

E para a minha surpresa, o Diego já vinha manipulando a minha vida há mais de um ano. Julia me contou que o fator principal de eu não ter conseguido um emprego, foi porque Diego em silêncio, queimava todas as minhas entrevistas.

Eu sempre soube que a sua mãe tinha uma grande influência em Brasília, mas nunca achei que o Diego partilharia da mesma. Mas, aparentemente, a Bittencourt'International está crescendo no Brasil, assim como em Londres. A empresa do Diego possui vários comércios em Londres e agora está dominando as maiores capitais brasileira.



No horário marcado, Diego chegou ao apartamento. Ao me ver ao lado da mesa já preparada com a nossa refeição, deu alguns passos para trás e franziu o cenho.

— Oi... — Me apressei para quebrar o clima vultuoso que estava predominando o apartamento.

— Oi. — Diego me respondeu automaticamente, não conseguindo esconder a surpresa ao me ver. — Achei que estava no Brasil. Vim me encontrar com a Julia, onde ela está?

Diego não parecia feliz em me ver, e em seu olhar pude notar a confusão que a situação lhe causava. Havia tanta coisa para lhe dizer, tantos sentimentos para expressar, mas em vez disso, não me segurei. Sem dominar as minhas ações, caminhei até onde ele permanecia parado feito uma estátua e peguei em sua mão que estava dentro do casaco.

O seu olhar desceu para onde minhas mãos tocaram e ao olhar em meus olhos, ele me lançou um sorriso tímido e me mostrou os seus dentes brancos perfeitos.

— Eu sei que as coisas ficaram estranhas entre nós, que da última vez que o vi não te dei a oportunidade de me explicar as suas ações, mas eu não quero que me diga nada, não até eu te dizer tudo que preparei... Há dez anos, eu quebrei a sua confiança quando em um momento de coragem, você abriu o seu coração para mim. Eu sei que fui uma pessoa horrível, que fui egoísta e tendenciosa, como você fazia questão de frisar sempre que me via, mas.... eu quero te dizer que sinto muito, e que um dos arrependimentos mais amargos que levo em meu peito, foi pela forma como te tratei. Se eu pudesse voltar ao passado, eu faria tudo diferente, eu me entregaria a você como você sempre mereceu...

— Mas eu não, Elô... — Diego me interrompe, colocando um dedo em meus lábios e segurando o meu queixo a altura de seu rosto. — Você foi sim uma pessoa egoísta e tendenciosa, mas foi graças ao que me disse quando tinha dezesseis anos que me tornei o homem que sou hoje. Foi graças a você que recuperei o meu relacionamento com meu pai. Eu posso sim ter ficado com raiva de você no passado, mas hoje eu sei que no fundo eu tenho que te agradecer.

— Mas se você não tinha raiva de mim, então, por que aceitou ajudar a Julia? Por quê infernizou a minha vida por tanto tempo?

— Porque no fundo, eu ainda era completamente apaixonado por você. — Diego confessou, com um sorriso que derreteu o meu coração. — E também queria que visse no que você me transformou. Queria que visse que eu peguei as duras palavras que me disse naquele dia e as fiz como objetivo de me transformar em uma pessoa melhor... No fundo, eu achei que você também havia mudado. Só que quando eu te vi pela primeira vez, você estava um caco, totalmente perdida. Então, percebi que em vez de melhorar, você fez foi piorar. Eu sinto muito por ter te feito sofrer no último ano, por ter sido o pivô de suas lágrimas, mas não me arrependo.

Após ouvir as suas palavras, respirei fundo e o encarei. Novamente, me vi diante de duas alternativas e, novamente, segui a que achei melhor para mim. Sim, eu podia gritar, espernear e me afastar do Diego, mas no fundo eu sentia que a forma como ele me tratou quando nos reencontramos, foi o que fez eu me apaixonar por ele. Eu gosto do Diego, mais do que achei possível gostar de uma pessoa. E esse é um sentimento que jamais conseguirei esconder.

Abandonando qualquer orgulho ou atitude que me tarjaria como uma má pessoa. Roubei-lhe um beijo e mostrei a única coisa que queria dele de agora por diante.



“Mais cedo ou mais tarde, todos iremos passar por dificuldades, mas às vezes somos nós mesmo que nos colocamos nelas. São nossas escolhas que irá definir o que seremos. Eu escolhi ser uma má pessoa por muito tempo, alguém que nem mesmo os meus pais reconheciam. Escolhi companhias erradas, escolhi festas e relacionamentos rasos, em vez de algo certo e verdadeiro. Eu mesma me coloquei num caminho mentiroso e incerto. E por muito tempo, deixei a arrogância predominar a minha vida. Mas de agora em diante, tudo será diferente. Eu aprendi a minha lição quando me vi sozinha no fundo do poço. E me arrependi de ter tratado mal quem não merecia.”



Cinco anos depois...

Finalmente a minha vida havia entrado nos eixos. Quando dizem que às vezes temos que nos quebrar para nos consertar, não estão exagerando. O primeiro ano após a morte dos meus pais foram os piores. E os cinquenta primeiros dias depois que me reencontrei com o Diego foram os mais dolorosos que já vivi. Mas depois que recebi uma segunda-chance, eu mudei completamente.

Com a ajuda da Julia, eu entrei na faculdade. E agora com vinte e nove anos, estou realizando todas as minhas metas na vida. Sócia em uma empresa de sucesso, eu e Julia ampliamos a Collet'Entertainment e agora somos uma das mais reconhecidas na Inglaterra.

Na segunda semana em que havia me mudado para Londres, cumpri o meu acordo com a Julia e me matriculei em uma universidade. Finalmente havia encontrado a minha vocação. E quatro anos após me dedicar duro na escola de cinema, me tornei roteirista e diretora. Nesses últimos quatro anos, cheguei a ganhar alguns prêmios nos festivais britânicos de cinema contemporâneo. E com o patrocínio da Collet'Entertainment, estou dirigindo o meu primeiro longa-metragem, onde criei o roteiro inspirado em minha vida e todos os acontecimentos que a fizeram mudar.

Eu quero inspirar as pessoas a repensarem em suas atitudes, reverem as suas companhias e consertarem os seus erros. Eu nunca fui uma pessoa perfeita, longe disso, mas pelo menos agora posso dizer que superei todas as dificuldades e aprendi com os meus erros.

O lançamento do filme está marcado para o início do próximo ano, seria no final desse, mas por motivos pessoais e especiais, adiei um sonho para realizar outro. Pois, o dia cinco de dezembro está marcado para ser um dos dias mais felizes da minha vida. O meu casamento com o homem dos meus sonhos. No dia seis de dezembro, deixarei de ser Eloise Collet e me tornarei Eloise Collet Bittencourt.

Se teve uma coisa que aprendi com a minha história com o Diego, foi que o amor não tem data de validade. Quando se é verdadeiro, nem mesmo o tempo pode destruí-lo. O Diego me ama desde os seus dezesseis anos, e eu o amo desde os meus vinte e quatro. E mesmo que ele guarde esse amor por mais tempo que eu, o que importa é como nós nos valorizamos, nos amamos, nos entregamos intensamente um para o outro e, acima de tudo, desejamos viver felizes para sempre.